



*Você vai até lá procurando justiça, e o que você encontra, só
nós.**

Richard Pryor

*Quando nos definimos, quando defino a mim mesma, o lugar em
que sou como você e o lugar em que não sou como você, eu não a
estou impedindo de unir-se a mim — estou ampliando as
possibilidades de união.*

Audre Lorde

Para nós

e se
espaços liminares i
evolução
lemonade
esticados
filha
notas sobre o estado da branquitude
tochas da tiki
estudo sobre privilégio do homem branco
alto
contrato social
violento
som e fúria
pequenas grandes mentiras
solidão ética
espaços liminares ii
josé martí
meninos sempre serão meninos
liberdades cúmplices
embranquecendo
espaços liminares iii

Agradecimentos

Notas

Autora

Créditos

e se

i

O que significa querer
que um antigo chamado
à mudança
não mude

e contudo, também,
sentir-se atormentada
pelo apelo a mudar?

Como é um chamado à mudança denominado vergonha,
denominado penitência, denominado castigo?

Como se diz

e se

sem reprimenda? A raiz

da punição é tornar puro.
A impossibilidade disso — é aquilo
que repele e não

o apelo à mudança?

Há resignação na minha voz quando digo que me sinto desacelerando, julgando como uma máquina os níveis de minha reação. Por dentro permaneço tão dolorida, penso que não há outra forma senão aliviar —

então faço perguntas como conheço bem na solidão do meu questionamento.

O que ainda é verdade; não há sequer um tremor quando isso é o que se torna história.

Eu poderia criar um recipiente para carregar este ser, um recipiente que abarque tudo, embora nós nunca nos relacionemos com a completude; nós nunca seremos inteiros.

Eu assumo seus pensamentos ponderados também partidos, também desconhecidos, alongando uma sentença — aqui, estou aqui.

Como conheci você, como nunca te conhecerei,

eu estou aqui. Seja lá o que for exprimido, e se, eu estou aqui à espera, esperando por você

no e se, nas perguntas, nas condicionais nos imperativos — e se.

E se durante o chá, e se nas nossas caminhadas, e se no longo bocejo da neblina, e se no demorado meio da espera, e se na passagem, no e se que nos conduz a cada dia às estações do ano, e se na resiliência renovada, e se na infinitude, e se numa vida inteira de conversas, e se na clareza da consciência, e se nada mudar?

E se você for mais responsável por proteger do que por mudar?

E se você for destruição fluindo sob
a linguagem do salvador? Isso também não é muito fodido?

Quer dizer, se outras pessoas brancas não tivessem... ou se isso
não pareceu
o suficiente... eu deveria...

E se — o chamado repetitivo do e se — só é considerado
repetitivo
quando o e se sai da minha boca, quando o e se é pronunciado
pelo que não é ouvido, e se

e se o concreto da insistência
quando você insiste e se
é isso.

v

O que é isso que nós queremos manter consciente, que fique conhecido, mesmo que nós digamos, cada um à sua maneira, eu amo tanto eu sei eu encolho eu sou questionada eu também eu reajo eu exalo eu sinto eu ouvi falar eu me lembro eu vejo eu não pensei eu senti eu falhei eu suspeito eu estava fazendo eu tenho certeza eu li eu precisei eu não faria eu fui eu deveria eu senti eu poderia eu nunca poderia eu tenho certeza eu pergunto...

Você diz e eu digo mas o que
é que se revela, o que é

que queremos saber aqui?

E se o que eu quero de você for novo, feito recentemente
uma nova sentença em resposta a todas as minhas perguntas,

uma guinada em nossa relação e as palavras que nos carregam,
o cuidado que carrega. Eu estou aqui sem indiferença,
tentando entender como o que quero
e o que eu quero de você corre em paralelo —

justiça e a abertura só para nós.

espaços liminares i

Nos primeiros dias da corrida presidencial de 2016, eu começava a preparar um curso sobre branquitude para lecionar na Universidade Yale, onde tinha começado a trabalhar recentemente. Ao longo dos anos, percebi que era comum não compartilhar o mesmo conhecimento histórico com as pessoas com quem falava. “O que é *redlining*?”,* alguém perguntava. “George Washington libertou seus escravos?”, outro questionava. O que eram os Cartões Shirley e como eles determinavam o que era o equilíbrio correto do tom de pele?^[1], ainda outra pessoa se indagava. Contudo, ao ouvir a retórica inflamada de Donald Trump durante sua campanha naquela primavera, o curso ganhou outra dimensão. Meus alunos entenderiam a longa história que alimentava um comentário feito por Trump quando ele anunciou sua candidatura? “Quando o México envia o seu povo, não nos mandam os seus melhores”, ele disse. “Eles têm nos enviado pessoas que têm muitos problemas, e elas trazem esses problemas para nós. Eles trazem drogas. Eles trazem crime. Eles são estupradores.” Quando ouvi essas palavras, quis que meus alunos pesquisassem as leis de imigração nos Estados Unidos. Eles traçariam a relação entre o tratamento de pessoas sem documentos com o tratamento dado a irlandeses, italianos e asiáticos ao longo dos séculos?

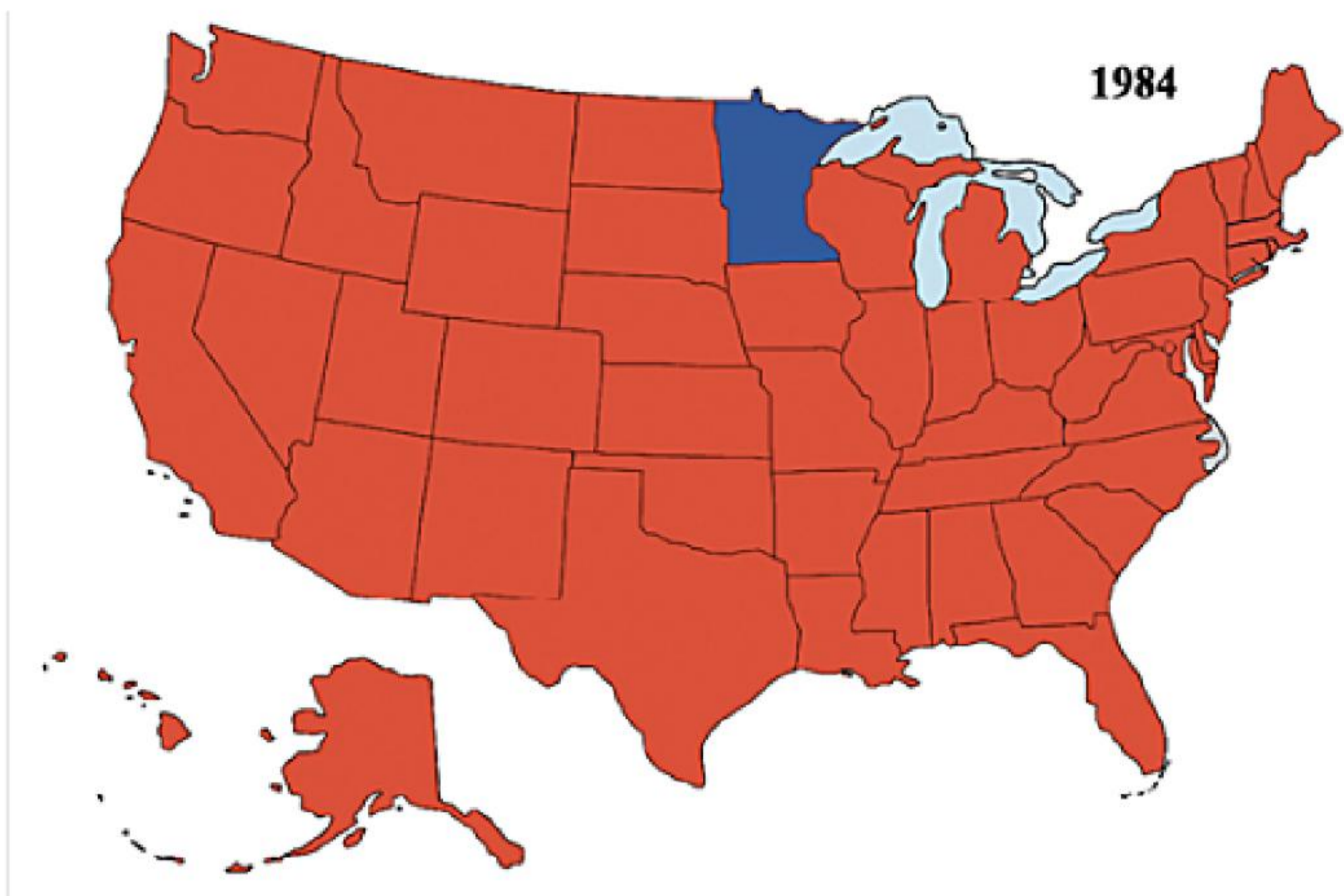


Da coleção de Hermann Zschiegner

Ao me preparar, precisei desvendar e compreender como a branquitude foi criada. Como o Ato de Naturalização de 1790, que restringiu a cidadania para “qualquer estrangeiro, sendo uma pessoa branca livre”, se desdobrou ao longo dos anos nos nossos vários atos de imigração? O que era necessário para distinguir a cidadania da “pessoa branca livre”? Qual foi a trajetória da Ku Klux Klan depois de sua formação no fim da Guerra Civil, e qual era sua relação com os Black Codes, aquelas

leis aprovadas subsequentemente nos estados do Sul para restringir as liberdades de pessoas negras? O governo dos Estados Unidos bombardeou comunidades negras em Tulsa, Oklahoma, também conhecida como Black Wall Street, em 1921? Como italianos, irlandeses e povos eslavos se tornaram brancos? Por que as pessoas acreditam que abolicionistas não podiam ser racistas?

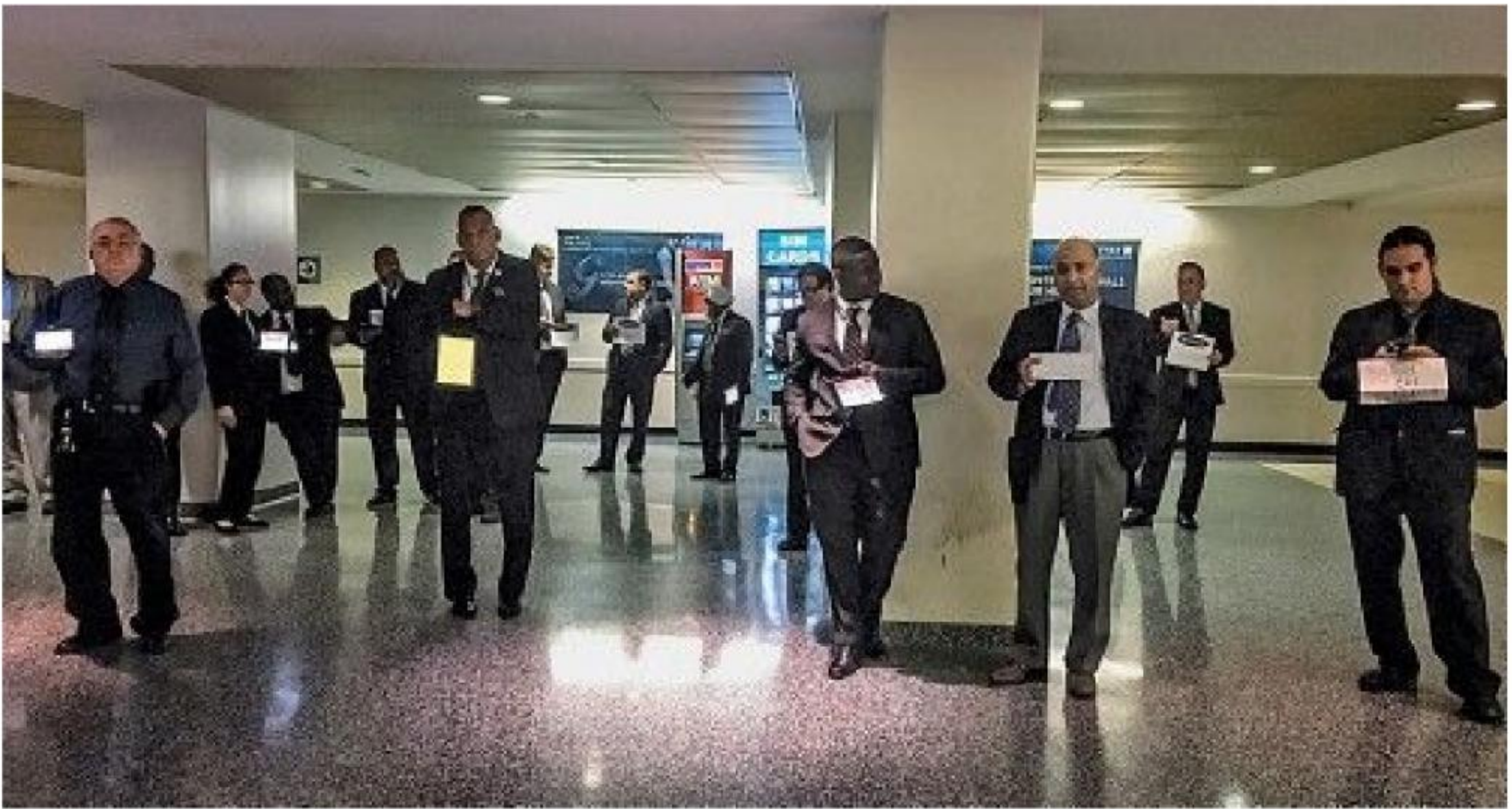
Eu queria que meus alunos passassem a conhecer um conjunto de obras de sociólogos, teóricos, historiadores e pesquisadores de literatura de uma área conhecida como “estudos da branquitude”, com pilares que incluem *Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination* [Brincando no escuro: Branquitude e imaginação literária], de Toni Morrison, *The Wages of Whiteness* [Os custos da branquitude], de David Roediger, *Whiteness of a Different Color: European Immigrants and the Alchemy of Race* [A branquitude de uma cor diferente: Imigrantes europeus e alquimia da raça], de Matthew Frye Jacobson, *White* [Branco], de Richard Dyer, e o recente *The History of White People* [A história das pessoas brancas], de Nell Irving Painter. Roediger, um historiador, tinha me explicado o desenvolvimento da área, com o qual as minhas aulas poderiam se relacionar, dizendo: “Os anos 1980 e 1990 viram a publicação das obras mais importantes de Toni Morrison e James Baldwin sobre as complexidades da identidade branca, junto com novas obras de escritores brancos e ativistas fazendo perguntas historicamente similares. Dada a aparente novidade de tal produção branca e a urgência de compreender o apoio dos brancos a Ronald Reagan, os ‘estudos críticos de branquitude’ ganharam atenção da mídia e um pequeno apoio das universidades” [2]. Essa área de estudos tinha o objetivo de dar visibilidade a uma história da branquitude que, através de sua associação com a “normalidade” e com a “universalidade”, mascarava seu poder institucional onipresente.



No fim das contas, meu curso se tornou Construções da Branquitude, e ao longo dos dois anos que o lecionei, muitos de meus alunos (integrantes de todas as raças, identidades de gênero e orientações sexuais) entrevistaram pessoas brancas no campus ou em suas famílias a respeito da compreensão da história americana e como isso se relaciona com a branquitude. Alguns estudantes simplesmente queriam saber como aqueles ao seu redor definiriam sua própria branquitude. Outros tinham dificuldades com o racismo dos membros de suas famílias e queriam entender como e por que certos preconceitos se formaram. Outros ainda queriam mostrar o impacto das expectativas brancas em suas vidas.

Talvez seja por isso que um dia em New Haven, encarando o semicírculo de carvalhos no meu quintal, me perguntei o que significaria indagar a homens brancos aleatórios como eles

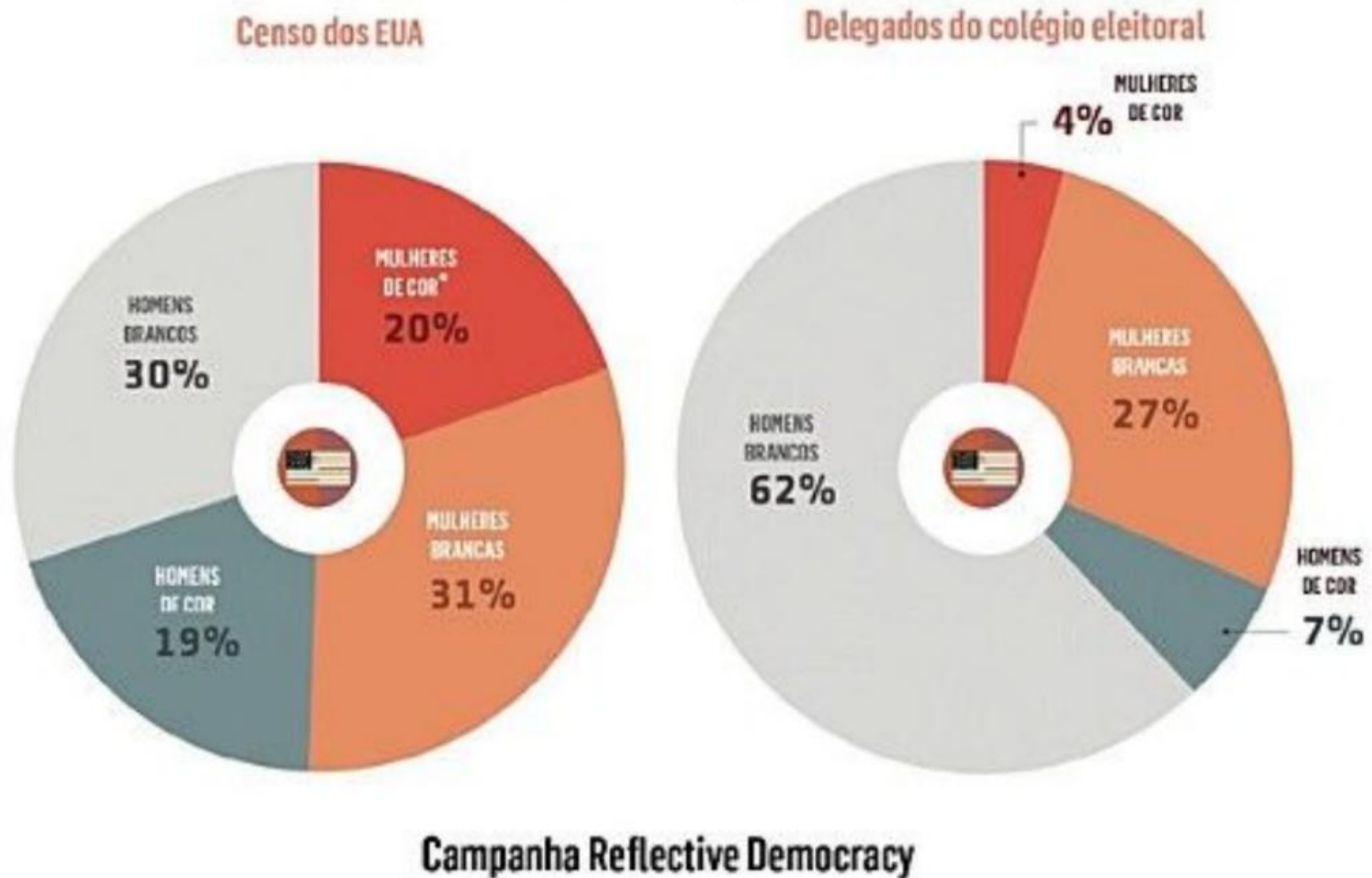
entendiam seu privilégio. Eu me imaginei — uma mulher negra de meia-idade — caminhando em direção a estranhos e fazendo isso. Eles reagiriam como o capitão de polícia em Plainfield, Indiana, quando sua colega, durante um treinamento de diversidade, disse que ele se beneficiava do “privilégio do homem branco”? Ele ficou com raiva e a acusou de calúnia racial contra ele. (Ela foi colocada em licença remunerada, e uma advertência foi registrada permanentemente em sua ficha.) Eu também seria acusada? Eu me ouviria perguntar sobre o privilégio do homem branco e então assistiria a um homem branco após o outro se afastarem como se eu fosse muda? Eles pensariam que trabalho para Trevor Noah, Stephen Colbert ou Chelsea Handler e só esqueci a equipe de gravação? O comentário corrente no nosso clima político atual é que todos nós precisamos conversar com pessoas com quem não falamos normalmente, e embora meu marido seja branco, eu me percebo jogando conversa fora facilmente com todos os tipos de desconhecidos, exceto homens brancos. Eles raramente tomam a iniciativa de falar de amenidades comigo, e eu não os procuro. Talvez fosse o momento de tentar, mesmo se minhas fantasias desses encontros parecessem estranhas. Eu queria tentar.



© Claudia Rankine

Semanas mais tarde, me ocorreu que tendo a estar cercada por homens brancos que não conheço quando viajo, quando me encontro em espaços que são essencialmente não lugares: em conexões, a caminho, em pleno ar. Enquanto vou de um lado para outro dos Estados Unidos, da Europa e da África dando palestras sobre o meu trabalho, me pego observando esses homens brancos que passam horas comigo em saguões de aeroporto, portões de embarque e aviões. Eles me parecem formar o maior percentual de viajantes a trabalho nos espaços liminares onde nós esperamos. O fato de eu estar entre eles em saguões de aeroporto e cabines de primeira classe indicava, em parte, meu relativo privilégio econômico, mas o preço da minha passagem, é claro, não se traduz em capital social. Eu sempre tive consciência de que o meu valor aos olhos da cultura é determinado primeiro e principalmente pela cor da minha pele. Tinha certeza de que, sendo uma mulher negra, devia haver algo que eu não entendia.

2019: Demografia do poder político



* A expressão “people of color” já foi usada para se referir especificamente a pessoas negras, mas foi ressignificada ao longo do século XX. Diversas autoras negras que participaram do movimento pela liberação das mulheres nos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos, ao observarem lutas comuns e as diferenças entre mulheres negras, indígenas e imigrantes, passaram a usar “women of color” para se referir a mulheres racializadas, pois quem não está incluída na branquitude está sujeita a diferentes formas de preconceito ou racismo. Em geral, quando escritores negros utilizam “pessoas de cor”, consideram uma diversidade de pessoas não brancas que, apesar de suas experiências, não vivenciam o racismo antinegro.

© Campanha Reflective Democracy

Recentemente, um amigo que não conseguiu um emprego para o qual se candidatou me disse que, como um homem branco, ele estava absorvendo os problemas do mundo. Ele queria dizer que estava sendo punido pelos pecados de seus antepassados. Queria que eu soubesse que ele compreendia isso como um fardo que

ele deveria suportar. Quis dizer que precisava dar uma boa olhada na história do local de trabalho, tendo em vista os desequilíbrios criados por gerações de práticas de contratação antes dele. No entanto, o que faria o meu amigo se sentir melhor? Ele entendia que, hoje, 64% dos representantes eleitos são homens brancos, embora eles sejam apenas 31% da população dos Estados Unidos? Homens brancos têm detido quase todo o poder neste país por quatrocentos anos.^[3]

Eu sabia que meu amigo tentava comunicar seu esforço de encontrar uma forma de entender a complicada estrutura americana que envolve nós dois. Eu queria perguntar a ele se suas expectativas eram um sinal de seu privilégio, mas decidi, uma vez que ele perdeu a vaga de emprego, que o meu papel como amiga provavelmente exigia outras reações.

Depois de uma série de conversas casuais com meus companheiros de viagem brancos, viria a entender o privilégio branco de forma diferente? Eles não poderiam saber o que é ser como eu, embora quem sou em parte seja uma resposta a quem eles são, e eu realmente não acredito que os compreendi, ainda que eles tenham determinado muito do que é possível na minha vida e na vida dos outros. Contudo, porque vivo apenas como eu, uma pessoa que regularmente precisa negociar com a rejeição consciente e inconsciente, o apagamento, o desrespeito e o abuso, passei a pensar sobre isso silenciosamente. Como sempre, hesitei.




© Claudia Rankine

Hesitei quando fiquei na fila para um voo que atravessava o país, e um homem branco passou na minha frente. Ele estava com outro homem branco. “Com licença”, eu disse, “estou nesta fila.” Ele deu um passo para trás, mas não antes de dizer ao seu companheiro: “Você nunca sabe quem eles estão admitindo na primeira classe atualmente”.

Essa declaração era um movimento defensivo para encobrir sua falta de educação e constrangimento, ou eles compartilhavam uma piada interna? Talvez ele também tenha ouvido uma entre as inúmeras anedotas recentes nas redes sociais em que uma mulher negra chama a atenção de uma mulher branca furando a fila na frente dela no portão de embarque. Quando a mulher negra diz que estava na fila, a branca responde que aquela era fila para a primeira classe. O comentário do homem era uma referência discreta? No entanto, ele não estava rindo, nem um pouco, nem um sorriso. Impassível.

Traci Blackmon está ✈️ viajando do Aeroporto Internacional de Cleveland para Charlotte
4 de maio de 2019

 Seguir

#wheelsup

Na fila do embarque.

Sou a primeira da fila.

Um homem do Oriente Médio é o segundo.

A fila continua a partir daí.

Um pouco antes do embarque, uma mulher branca de meia-idade desfila ao meu lado dizendo "com licença" enquanto passa.

Então ela segue para se posicionar na minha frente na fila. Diante disso, reajo. Você vai voar de primeira classe hoje? Ela sorri e responde "sim".

Ao que respondo: Eu também. Sou curiosa, espero que você não se importe de eu perguntar. O que há em mim que fez você assumir que eu não sou uma passageira da primeira classe e por isso você deveria estar na minha frente.

O rosto dela corou. Então eu continuei.

Pensei que talvez fosse a minha roupa casual. Afinal estou usando um jeans gasto e camiseta. Talvez você ache que uma pessoa vestida assim não deveria estar na primeira classe. Mas aí notei que você está de macacão largo. Então não pode ser isso. Estou tentando descobrir o que pode ser.

"Eu não percebi. Desculpe", enquanto se recompõe e se prepara para se mover. E então ela consegue parar atrás de mim.

Lanço um olhar questionador para o homem do Oriente Médio. Ele dá de ombros. Então eu falo alto: O senhor também vai voar de primeira classe? Olhando assim, não sei dizer. Mas suponho que, uma vez que o senhor está esperando aqui comigo, acho que sabe ler e em qual lugar deveria estar.

Mais uma vez. Ela pega suas coisas e se mexe. Responde que não sabia.

Passam uns minutos. Ela volta aonde estou para dizer o quanto meus sapatos são bonitos. Imagino que percebeu o erro, e esse é seu jeito de me mostrar que ela realmente vê... os meus sapatos.

Falo para vocês.

Essa merda cansa.

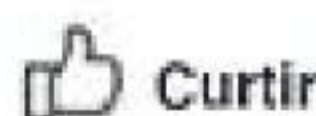
Mas 🍌 toda 🍌 vez 🍌 eu 🍌 vou 🍌 ensinar 🍌 a 🍌 vocês!!!!!!

Eu nem sequer gosto dessa coisa toda de primeira classe. Eles me transferiram porque voou com frequência. Não pago por isso. Mas talvez eu comece. Só como um ato de resistência!!!



████████████████████ e outras 24 pessoas

4 comentários 3 compartilhamentos



Curtir



Comentar



Compartilhar

Reproduzida com a autorização da reverenda Traci Blackmon

Depois, quando discuti esse episódio com minha terapeuta, ela me disse que pensava que a declaração daquele homem era uma reação ao companheiro de voo, não a mim. Eu não importava para ele, ela disse: é por isso que ele podia passar na minha frente desde o princípio. Seu constrangimento, se era constrangimento, tinha tudo a ver com o modo como ele foi visto pela pessoa com quem se importava: o homem branco que o acompanhava. Eu estava me permitindo ter uma presença além da conta na imaginação dele, ela disse. Isso deveria ser um consolo? Minha invisibilidade completa era preferível a um insulto direcionado?

Durante o voo, cada vez que ele retirava ou colocava algo no compartimento acima de sua cabeça, ele olhava para mim. Todas as vezes, ergui meus olhos do meu livro para encontrar seu olhar e sorri — gosto de pensar que não sou desprovida de senso de humor. Tentei imaginar o que a minha presença fazia com ele. Em algum nível, pensei, devo ter conspurcado sua narrativa de que o privilégio branco garantia espaços seguros para brancos. No meu curso, eu tinha ensinado “Whiteness as Property” [Branquitude como propriedade], um artigo publicado na *The Harvard Law Review* em 1993, em que a autora, Cheryl Harris, argumenta que “o conjunto de presunções, privilégios e benefícios que acompanha o status de ser branco se torna um ativo valioso que os brancos tentam proteger”. Essas são as presunções de privilégio e exclusão que têm levado muitos americanos brancos a chamarem a polícia para pessoas negras que estão tentando abrir as portas de suas casas e de seus carros. Os perfis raciais preventivos* se tornam outro método legalizado de segregar espaços. Harris continua, explicando o quanto as pessoas brancas confiam nesses benefícios, tanto que suas expectativas contribuem para a interpretação de nossas leis. Por exemplo, as leis “Stand your ground”* significam que os brancos podem alegar que o medo os fez matar uma pessoa negra

desarmada.

ALERTA:
Contém linguagem forte que algumas
pessoas podem considerar ofensiva





Filha da mulher negra: “Você não ouse gritar com ela”.

Homem branco: “Não me diga o que fazer. Se falei para ela sair, ela sai”.

Filha da mulher negra: “Não, ela não vai! Você [para a comissária de bordo] poderia repreendê-lo? Você sabe que é rude ele falar com ela desse jeito. Que porra você pensa que é, seu velho nojento?!”.

Homem branco: “Vou te dizer que espero que alguém sente ali porque não quero me sentar perto dessa sua cara feia fodida”.

Comissária de bordo: “Com licença, senhora, me desculpe, você gostaria de se sentar em outro lugar?”.

Homem branco: Coloque ela num outro assento. É educado sair daqui. Não consigo ficar no meu lugar [inaudível]”.

Mulher negra: [para a comissária de bordo] “Tudo bem, tudo bem, sem problema. [Para o homem branco] Você fede, precisa de um banho”.

Homem branco: “Vou te falar uma coisa, se você não for para outro assento, vou te empurrar para outro lugar”.

Passageiro na fileira de trás: “Parem, parem, parem”.

Passageiro na fileira de trás: “Vocês nem precisam falar um com o outro”.

Homem branco [para a mulher]: “Não fale comigo numa porra de uma língua estrangeira, sua vaca feia e burra”.

Passageiro na fileira de trás: “Cara, você não vai parar?”.

Homem branco: “Eu vou até onde eu quiser com essa preta feia filha da puta”.

A mesma defesa baseada no medo tem permitido que muitos policiais que mataram negros desarmados continuem a trabalhar, aposentando-se, mais tarde, com seus salários. Ou que leis de registro para votar em certos estados possam funcionar como leis Jim Crow* na prática. A “lei americana tem identificado a branquitude como um interesse da propriedade”, afirma Harris.

No avião, eu queria encenar uma nova narrativa que incluísse a branquitude do homem que entrou na minha frente na fila. Senti que sua branquitude deveria ser um componente do que nós dois entendíamos sobre ele, mesmo que sua branquitude não fosse inteiramente quem ele é. Sua compreensão inconsciente da branquitude significava que o espaço que eu habitava deveria ser apenas dele. O velho roteiro teria deixado sua branquitude sem reconhecimento em minha observação de sua falta de educação. Entretanto, um homem rude e um homem branco rude evocam suposições bem diferentes. Assim como uma pessoa branca confrontada por um ser humano negro real precisa negociar com estereótipos da negritude para que possa alcançar a pessoa que tem diante de si, eu esperava conceder àquele homem a mesma cortesia, mas ao contrário. Enxergar sua branquitude significava

que eu entendia a minha presença como um rebaixamento inesperado para ele. Era bem ruim se ele se sentisse daquela maneira. Entretanto, eu imaginava, o que é essa “imobilidade” dentro das hierarquias raciais que rejeita a neutralidade dos céus? Eu esperava encontrar um jeito de ter essa conversa.

A expressão “privilégio branco” foi popularizada em 1988 por Peggy McIntosh, uma professora da Wellesley College que queria definir “sistemas invisíveis que conferem dominância ao meu grupo”.^[4] McIntosh passou a compreender que ela se beneficiava das presunções hierárquicas e políticas simplesmente porque era branca. Eu teria preferido que, em vez de “privilégio branco”, ela tivesse usado o termo “dominância branca”, porque “privilégio” sugere uma primazia hierárquica que era desejada por todos. No entanto, a expressão pegou. O título de seu ensaio, “White Privilege and Male Privilege: A Personal Account of Coming to See Correspondences Through Work in Women’s Studies” [Privilégio branco e privilégio masculino: Um relato pessoal de passar a ver correspondências através do trabalho com estudos das mulheres], era um palavrão. McIntosh listou 46 formas de encenação do privilégio branco. “Número 19: Eu posso falar em público para um grupo de homens poderosos sem que minha raça seja posta em julgamento”; “Número 20: Posso me sair bem numa situação desafiadora sem que digam que represento bem a minha raça”; “Número 27: Após a maioria das reuniões de organizações das quais participo, posso ir para casa sentindo que de certa forma estou integrada, em vez de isolada, fora do lugar, em menor número, não ouvida, mantida à distância ou temida”; “Número 36: Se meu dia, semana ou ano vai mal, não preciso me perguntar se cada episódio ou situação negativa tem tons raciais”. Não sei muito bem o porquê de McIntosh ter parado em 46, a não ser como uma forma de dizer “Você entendeu”. Meus alunos eram capazes de acrescentar os próprios exemplos

facilmente.



Titus Kaphar, *Error of repetition {where are you?}*, 2011, óleo sobre tela. Imagem cortesia do artista

Minhas turmas e eu também estudamos a obra do documentarista branco Whitney Dow. Nos últimos anos, Dow fez parte do Interdisciplinary Center for Innovative Theory and

Empirics (Incite) [Centro Interdisciplinar para Teoria Inovadora e Empírica] da Universidade Columbia, que reuniu informações de mais de 850 pessoas que se identificam como brancas ou parcialmente brancas e as comunidades em que elas vivem. Ele gravou mais de cem de suas histórias orais. Essa obra, como a de McIntosh, era outra maneira de pensar a respeito das banalidades do pensamento hierárquico branco. Perguntei a Dow o que ele aprendeu em suas conversas com os homens brancos. “Eles estão lutando para construir uma narrativa justa para eles mesmos cada vez que uma nova informação chega, e têm que reestruturar e remodelar as suas narrativas e falham nesse processo”, ele disse. “Eu me incluo nisso”, acrescentou depois de um instante. “Nós estamos vendo a desconstrução do arquétipo do homem branco. O ator individual no palco principal sempre teve o apoio de um governo genocida, mas essa não é a narrativa com a qual nós crescemos. É um desafio se adequar.”

As entrevistas, coletadas no relatório inicial do Incite, “Facing Whiteness” [Encarando a branquitude], que está disponível no site da Columbia, variam muito em termos de conhecimento da história dos Estados Unidos e experiências. Uma das entrevistadas declara: “O primeiro dono de escravos nos Estados Unidos era um homem negro. Quantas pessoas sabem disso? Os escravos que foram trazidos para a América foram vendidos para os brancos pelos negros. Então eu não sinto que nós devemos a eles quaisquer privilégios especiais a não ser o que todo mundo tem, qualquer outra raça”. Enquanto essa entrevistada nega qualquer privilégio, outro passou a ver como a sua branquitude possibilita sua mobilidade nos Estados Unidos: “Eu tenho que aceitar que porque sou um homem — esteja eu consciente disso ou não em algum momento específico — provavelmente tive algum tipo de aprovação em alguma situação”. Ele acrescentou: “Quanto mais tempo eu passo nas forças da lei, mais percebo

que ser descendente de anglo-saxões, ser homem e estar numa região dos Estados Unidos que, de certa forma, é rural e, por ser rural, por definição é em sua maioria branca, significa que eu definitivamente tenho a preferência”. Esse entrevistado, que reconhece seu privilégio, e que, de acordo com Whitney Dow, tem sido bastante isolado em seu local de trabalho “por seu progressismo”, ainda indica — pelo uso de palavras como “provavelmente” e expressões como “e, por ser rural, por definição é em sua maioria branca” — que ele acredita que o privilégio branco só entra em jogo em determinadas circunstâncias. A compreensão total incluiria o entendimento de que o privilégio branco vem com a expectativa de proteção e preferências não importa a região do país onde ele viva, que emprego tenha ou quanto dinheiro ele ganhe.

Quanta raiva eu poderia sentir do homem branco no avião, aquele que me encarava, como se olha para uma pedra na qual tropeçou, a cada vez que se levantava? Entendi que o comportamento do homem também era a sua socialização. A minha socialização tinha, de muitas formas, me preparado para ele. Eu não fui soterrada pelo nosso encontro porque minha negritude “consente em não ser um único ser” [5]. Essa expressão, que tem origens na obra do escritor caribenho Édouard Glissant, mas me foi rerepresentada numa obra recente do poeta e crítico teórico Fred Moten, aponta em direção ao fato de que não posso recusar os estereótipos da negritude criados pelo homem branco, ainda que ele interaja com esses estereótipos. O que eu queria saber era o que o homem viu ou não viu quando deu um passo na minha frente na fila do portão de embarque.

É difícil existir e também aceitar minha falta de existência. Frank Wilderson III, chefe do departamento de estudos afro-americanos na Universidade da Califórnia, em Irvine, pega

emprestado o termo “morte social” para explicar meu status de ali-mas-não-ali numa sociedade historicamente antinegros. A indignação — e se formos generosos, o constrangimento que provocou o comentário do passageiro branco — foi uma reação ao despercebido ocupando espaço; espaço em si entendido como um privilégio da branquitude.





© John Lucas e Claudia Rankine

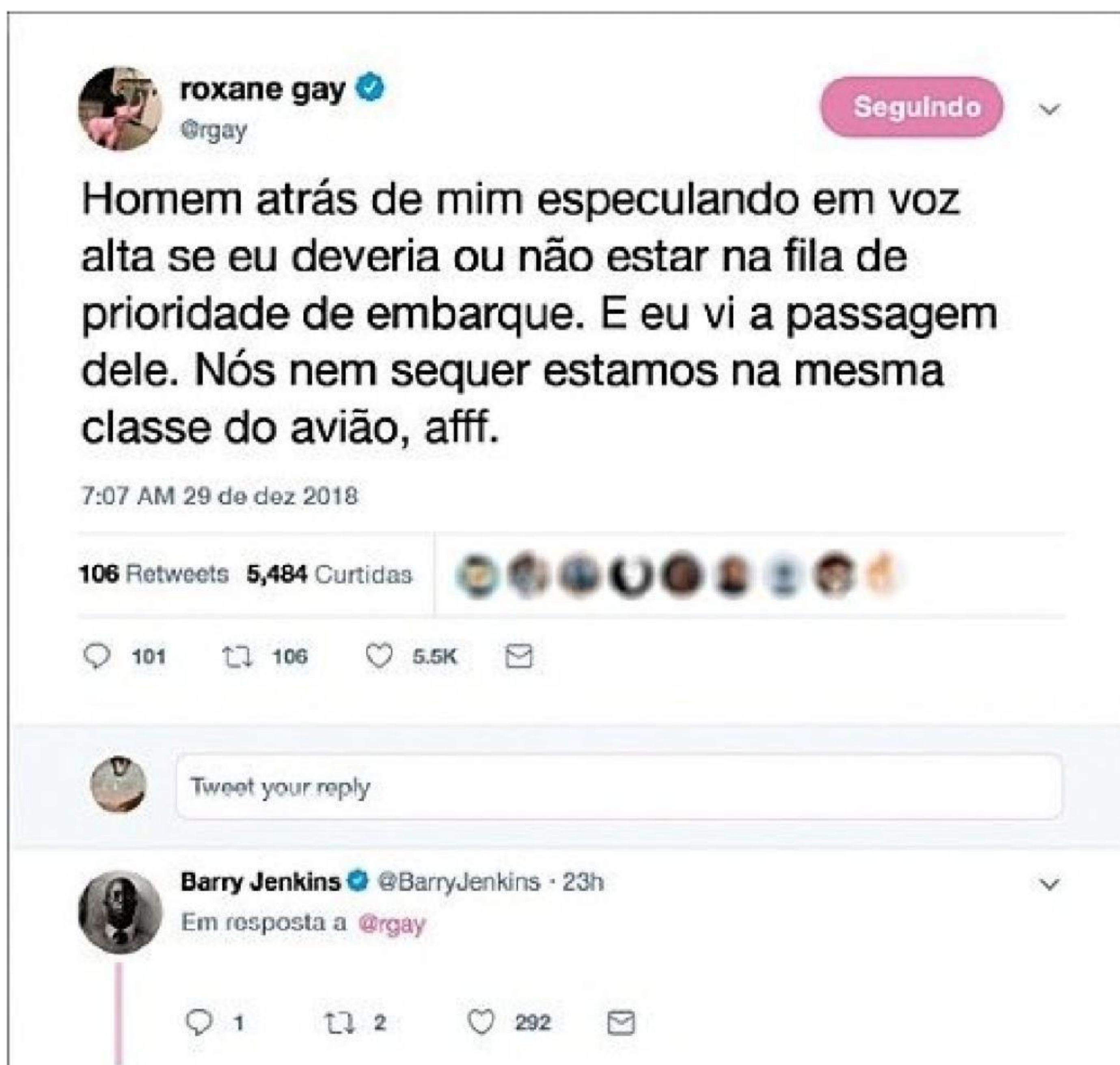
Antes que as companhias aéreas decidissem que os viajantes frequentes não precisavam ficar na fila, eu esperava em outra fila

para pegar outro avião noutra cidade enquanto outro grupo de homens brancos se aproximava. Quando eles perceberam que teriam que ficar atrás de uma dúzia de pessoas enfileiradas, simplesmente formaram sua própria fila perto de nós. Eu disse para o homem em pé na minha frente: “Olha, aquilo é o peso do privilégio do homem branco”. Ele riu e continuou sorrindo durante todo o caminho até o seu assento, e me desejou um bom voo. Nós compartilhamos algo. Não sei se era a mesma coisa para cada um de nós — o mesmo reconhecimento de um privilégio racializado —, mas eu poderia aceitar aquela forma educada de ininteligibilidade.

Achei os homens de terno que se recusaram a ficar na fila animados e surpreendentes (e também detestáveis). Observá-los era como assistir a uma peça espontânea sobre o privilégio branco num único ato. Eu apreciava o drama. Um ou dois deles davam risadinhas diante da própria audácia. A funcionária no embarque fez um tipo de check-in curioso ao mesclar a fila recém-formada com a verdadeira fila. As pessoas na minha fila, quase todas brancas e homens, se alternavam entre intrigadas e complacentes.

Depois de assistir a essa cena se desenrolar, eu a arqueei para usá-la como um exemplo na minha aula. Como meus alunos leriam esse momento? Alguns sem dúvida ficariam enfurecidos com a funcionária branca no portão de embarque que permitiu que isso acontecesse. Eu perguntaria por que é mais fácil ficar com raiva dela do que de um grupo de homens. Porque ela não reconhece nem utiliza seu poder institucional, alguém diria. Baseado nas aulas anteriores, eu poderia assumir que os alunos brancos seriam rápidos em se distanciar dos homens no portão; a solidariedade branca não tem espaço numa aula planejada para tornar visíveis as posições padrão da branquitude.

Como professora, senti que essa era uma narrativa que poderia me ajudar a medir o nível de reconhecimento do privilégio branco na turma, porque outras pessoas brancas também se incomodaram com as atitudes desse grupo de homens. Os estudantes não seriam distraídos pelo abuso social de minorias porque todos pareciam incomodados. Contudo, alguns alunos iam querer ver esse momento como marcado pelo gênero, não pela raça. Eu perguntaria se eles eram capazes de imaginar um grupo de homens negros cometendo a mesma ação sem os homens brancos da minha fila reagirem ou sem a funcionária da companhia aérea questioná-los, mesmo que eles estivessem de acordo com seus direitos.



The image shows a screenshot of a Twitter thread. At the top is a tweet from Roxane Gay (@rgay), a verified user, with a 'Seguindo' (Following) button. Her tweet, posted at 7:07 AM on December 29, 2018, reads: "Homem atrás de mim especulando em voz alta se eu deveria ou não estar na fila de prioridade de embarque. E eu vi a passagem dele. Nós nem sequer estamos na mesma classe do avião, afff." The tweet has 106 retweets, 5,484 likes, and 101 replies. Below the tweet is a reply box with the placeholder text "Tweet your reply". Below that is a reply from Barry Jenkins (@BarryJenkins), also a verified user, posted 23 hours ago. His reply says "Em resposta a @rgay". The reply has 1 comment, 2 retweets, and 292 likes.

fonte

Conforme fui ficando cada vez mais frustrada comigo mesma por evitar fazer minha pergunta, me questionava se a segregação presumida na vida branca de alguém deveria ter sido o Número 47 na lista de McIntosh. Apenas faça, falei sozinha. Só pergunte a um homem branco qualquer como ele se sente em relação a seu privilégio.

No meu voo seguinte, cheguei mais perto. Eu era uma mulher negra na companhia de uma maioria de homens brancos, em assentos que permitiam proximidade e espaços separados. A comissária de bordo trouxe bebidas para todos ao meu redor,

mas esqueceu meu suco de laranja mais de uma vez. Convencendo a mim mesma de que suco de laranja é açúcar e ela pode estar fazendo um favor para meu corpo recuperado após um câncer, apenas balanço a cabeça quando ela se desculpa pela segunda vez. Na terceira vez em que ela passa sem o suco, o homem branco sentado perto de mim diz a ela: “Isso é inacreditável. Você me trouxe duas bebidas de uma vez e esqueceu de trazer uma para ela”.

Ela voltou imediatamente com o suco.



Monday
Maandag
Lundi
Montag

3 B.P. 7am $\frac{170}{80}$

Tuesday
Tuesday
Dienstag

4 B.P. $\frac{180}{90}$ 7am 3-43 pm $\frac{140}{80}$
 Crucial meeting with Num. Ke.

Wednesday
Wednesday
Mittwoch

5 Meeting with very important person - no politics discussed.
 B.P. 7am $\frac{170}{100}$ 3-45 pm $\frac{160}{90}$

Thursday
Donnerstag

6 7am, $\frac{140}{80}$ 3-30 pm $\frac{160}{90}$

Friday
Freitag

7 B.P. 7am $\frac{148}{80}$ 3-30 pm $\frac{160}{90}$

(1) 8 Consultation with Ismael ayob for \pm 2 hrs.
 B.P. $\frac{170}{90}$ 7am 3-45 pm $\frac{140}{70}$

9 Gwent R11-40 to Major Marais.

July
Juli
Jillet
Juli



Week 27



Monday
Tuesday
Wednesday
Thursday
Friday
Saturday

Agradei a ele. Ele disse: “Ela não é adequada para este trabalho”. Não respondi: “Ela não se esqueceu das suas bebidas. Não esqueceu de você. Você está sentado perto de ninguém neste não lugar”. Em vez disso, eu disse: “Ela apenas gosta mais de você”. Talvez ele tenha pensado que eu falava dele especificamente e corou. Entendeu que eu fiz uma piada sobre o privilégio do homem branco? Não pareceu. A vermelhidão subiu pelo seu pescoço até suas bochechas, e ele aparentava timidez e prazer ao mesmo tempo. Ele colocou as duas mãos no rosto, como se para conter o calor desse prazer constrangedor.

“Indo ou vindo?”, ele perguntou, mudando de assunto.

“Estou voltando de Johannesburgo.”

“Sério?”, ele respondeu. “Acabei de ir à Cidade do Cabo.”

Por isso a sua defesa, pensei sem generosidade.

Por que esse pensamento me veio à cabeça? Eu mesma sou excessivamente definida pela minha raça. Isso é evitável? É um problema? Eu criei o problema ou me foi dado um problema? Penso na pressão arterial de Nelson Mandela subindo a 17 por 10 no dia em que ele supostamente conheceu Frederik Willem de Klerk. Fato ou boato? Quem sabe.

Enquanto olhava para o homem no assento 2B, eu me perguntava se meu posicionamento histórico estava transformando sua humanidade em evidência da dominância do homem branco. Os homens brancos são excessivamente definidos pela cor de sua pele aos meus olhos? Eles são obrigados a absorver os problemas do mundo, como meu amigo supôs?

Durante o longo voo, não mencionei o privilégio do homem

branco, não fiz piadas novamente, pelo contrário. Em vez disso, vagamos pelas nossas memórias recentes da África do Sul e conversamos sobre o resort onde ele se hospedou e o safári que fiz. Não falei de Soweto ou do Museu do Apartheid que visitei em Johannesburg ou do memorial do linchamento em Montgomery, Alabama, do qual o Museu do Apartheid me fez lembrar. Dessa vez, queria que meu companheiro de viagem começasse uma conversa sobre o seu privilégio. Ao menos uma vez. Queria que ele refletisse sobre sua branquitude, especialmente porque estava deixando a África do Sul, um país que tinha sofrido, como disse James Baldwin “da mesma ilusão que os americanos sofrem — de que também eram país branco”. Mas eu imaginava que ele sentia que o quanto menos falasse sobre as relações raciais nos Estados Unidos e na África do Sul, mais a nossa interlocução seria possível. Essa era a minha fantasia, em todo caso.



© John Lucas

De volta ao lar, quando mencionei esses encontros com meu marido branco, ele se divertiu. “Eles estão na defensiva”, disse. “Fragilidade branca”, acrescentou, dando risada. Esse homem branco que passou os últimos 25 anos neste mundo ao meu lado acredita entender e reconhecer o próprio privilégio. Certamente ele sabe a terminologia correta a ser usada, mesmo quando esses termos pré-acordados evitam que tropeçemos em momentos de verdadeiro reconhecimento. Essas expressões — fragilidade branca, defensiva branca, apropriação branca — costumam servir de substitutas para a complicada bagunça de uma verdadeira conversa. Naquele momento, ao invés disso, ele queria discutir nosso atual presidente. “Aquilo”, ele disse, “é caso óbvio de indignação e raiva de um privilégio óbvio. Poder real. Consequências reais.” É claro, ele não estava errado, mas

ele se juntou a todos os homens brancos “conscientes” que situam seus privilégios fora de si próprios — como se dissesse a si mesmo: eu sei que não devo ser ignorante ou defensivo em relação ao meu status no mundo. Não importa que essa capacidade de se deslocar do padrão da dominância do homem branco seja o privilégio. Talvez, isso lhes dê algum conforto. Um conforto branco. Não é possível ultrapassar o reino, o poder e a glória.

Finalmente eu estava pronta para perguntar a um estranho diretamente sobre o privilégio branco enquanto estava sentada ao lado de um, perto do portão. Ele tinha começado a nossa conversa, porque estava frustrado com mais um atraso. Compartilhamos juntos a nossa frustração. Acabou perguntando o que eu fazia, e contei que escrevo e leciono. “Onde você dá aula?”, ele perguntou. “Yale”, respondi. Ele me contou que seu filho queria ir para lá, mas não foi aceito no processo antecipado de inscrições. “É difícil quando você não pode apelar para a diversidade”, acrescentou.

Ele estava pensando em voz alta? As palavras apenas escaparam de sua boca antes que ele pudesse contê-las? Era essa a inocência do privilégio branco? Ele estava me provocando? Estava ostentando seu privilégio branco na minha cara? Eu deveria lhe perguntar por que ele tinha a expectativa de que seu filho fosse aceito com antecedência, sem atraso, sem pausa, sem espera? Eu deveria ter lhe perguntado como ele sabia que uma pessoa de cor “pegou” a vaga do filho dele e não outro filho branco de um desses muitos homens brancos sentados ao nosso redor?



© John Lucas

Talvez eu estivesse prendendo a respiração. Decidi apenas respirar.

“Os asiáticos estão invadindo a Ivy League”, ele acrescentou depois de um instante. Talvez a explicação tivesse a intenção de deixar claro que ele não falava agora de suas fantasias sobre as pessoas negras e suas formas de ação afirmativa. Lembrara-se de algo. Tinha se lembrado de quem estava sentada ao seu lado.

Então eu fiz. Eu perguntei. “Tenho pensado no privilégio do homem branco, e me pergunto se você pensa sobre o seu ou sobre o do seu filho?!”. Quase pareceu ser um non sequitur, mas ele acompanhou.

“Eu não”, respondeu. “Trabalhei duro por tudo o que tenho.”

Qual era aquela justiça da qual Brett Kavanaugh falou em sua audiência de confirmação na Suprema Corte. “Eu entrei na Faculdade de Direito de Yale. É a escola de direito número um do país. Eu não tinha contatos lá. Cheguei até lá ralando muito.” Ele aparentemente acreditou nisso, apesar do fato do avô dele ter estudado em Yale. Eu não poderia supor, ao olhar para aquele homem sentado ao meu lado, mas me perguntava se ele era mais um branco étnico do que um branco anglo-saxão protestante. O historiador Matthew Frye Jacobson, em *Whiteness of a Different Color* [A branquitude de uma cor diferente], analisa que o século XX reconsolidou os “celtas, eslavos, hebreus e mediterrâneos” do século XIX^[6]. Na década de 1940, de acordo com David Roediger, “considerando padrões de casamento entre etnicidades e os imperativos da Guerra fria”, os brancos pararam de se dividir hierarquicamente dentro da branquitude e começam a se identificar hierarquicamente como caucasianos construídos socialmente.

Eu disse ao homem: “E se eu disser que não estou me referindo a gerações de prosperidade econômica e conexões?”. Perguntei se ele costuma ser parado quando passa pela TSA [Transportation Security Administration]. “Não é comum”, ele disse.^[7] “Eu tenho Entrada Global.”

“Eu também”, disse, “mas ainda assim sou parada.” A “aleatoriedade” do perfil racial é um fenômeno sobre o qual eu poderia falar para sempre, mas me contive naquele dia.

“Você consegue se mover, entrar e sair de espaços públicos sem ser questionado por que você está lá?”, perguntei. “As pessoas se voltam para você rapidamente perguntando como podem te ajudar?” Eu sabia a resposta da minha pergunta, mas fiz assim

mesmo, porque queria mostrar a dinâmica da qual ele se beneficia.

Ele disse que entendia o meu ponto. Eu queria dizer: “Não é o meu ponto, é a sua realidade”, mas a natureza declarativa da sentença fazia minha língua parecer afiada. Queria continuar conversando com esse homem, e eu sabia que minha raça e meu gênero significavam que ele era cauteloso comigo e com as minhas perguntas — perguntas que poderiam levar à palavra “racista” ou “machista”. Se ao menos a cor da pele não tivesse tanto poder preditivo.

Eu não queria que o nosso posicionamento histórico diferente descarrilhasse nossa conversa já tensa. Queria aprender algo que me surpreendesse em relação a esse estranho, algo que eu não soubesse de antemão. Então a ficha caiu. Não havia tempo suficiente para desenvolver confiança, mas todo mundo gosta de um ouvinte. “Indo ou vindo?”, é a pergunta natural para o viajante neutro, não invasiva. Então agora eu perguntei a ele. Estava indo para casa.

A palavra “casa” o fez voltar ao seu filho. Ele disse que o melhor amigo de seu filho era asiático e foi aceito em Yale com antecedência e decisão rápida e nas primeiras admissões.^[8] Nenhum de nós conhecia a terminologia. Eu imaginei como ele consolou o filho. Usou a “história da diversidade” assim como fez comigo? Eu não queria mais discutir políticas de admissão nas universidades. Queria que a conversa seguisse outro rumo, mas de alguma forma me tornei representante de Yale, não uma estranha sentada ao lado de outro estranho.

Eu me lembrei de que estava ali só para ouvir. O homem era profundamente sincero e obviamente se sentiu inseguro em relação ao futuro do filho. No entanto, não poderia ser tão

sombrio se Yale ainda era uma opção. Não pense, lembrei a mim mesma. Saiba o que é ter filhos. Saiba o que é amar. Saiba o que é ser branco. Saiba o que é esperar que as pessoas brancas tenham, ou não, a sorte ou o poder econômico e permitam que você os tenha. Saiba o que é se ressentir. Isso é injusto? Não há lugar para o ressentimento aqui. Saiba o que é ser branco. Isso é falta de generosidade? Eu não sei. Não pense.

Não perguntei a esse homem branco porque ele pensava que seu filho era mais merecedor de uma vaga em Yale do que o amigo asiático. Não queria que ele sentisse que precisava defender o valor ou a inteligência do filho para mim. Queria que o filho dele prosperasse. De verdade. Se o filho dele chegasse na minha aula, eu o ajudaria a dar o seu melhor. Quanto mais o filho dele conquistasse em Yale, mais eu me alegraria por nós. Se o filho dele dissesse na minha aula que entrou em Yale por causa de muitos de seus professores brancos do jardim de infância que exageraram a respeito de sua inteligência, eu o interromperia, como já fiz no passado, e diria: “Não, você entrou em Yale e você tem a capacidade de entender que muitos fatores contribuíram para sua admissão”.

Processos de admissão em universidades não podem ser debatidos em termos definitivos; eles são cheios de áreas cinzentas, e essas áreas cinzentas geralmente se inclinam em direção ao branco, ainda que muitos brancos tenham suas entradas recusadas. Nós sabemos disso. De repente, eu estava relutante em ter uma conversa sobre espaços percebidos como brancos e senso de merecimento, ou, Deus me perdoe, ação afirmativa, o que poderia, é claro, encher o espaço entre nós de pessoas negras e marrons, eu inclusive. Em vez disso, falei: “Onde quer que o seu filho vá, vai se dar bem, e em cinco anos nada disso vai fazer muita diferença”. E foi nesse momento que reconheci a minha exaustão. E então veio a percepção de que, na

verdade, nós estávamos no meio de uma discussão sobre a sensação da perda do privilégio do homem branco. Eu estava envolvida na sua perda? Ele achava isso?

Não muito tempo depois, em outro voo, sentei perto de um homem branco que me dava a sensação de que já éramos amigos. Nossa conversa era fácil como um bate-bola num fim de tarde de outono. Ou como sair de casa no final da primavera e, de repente, perceber que a temperatura do lado de dentro e de fora parece a mesma para a sua pele. A resistência cai; seus ombros relaxam. Eu estava, metaforicamente, alegre num espaço aberto com esse homem, que era franco e curioso e tinha senso de humor. Ele falava da esposa e do filho com notável afeição. E embora estivesse comigo num avião, eles também estavam ali conosco. Seu pai era um acadêmico; a mãe, uma grande mulher.

Ele perguntou quais eram meus músicos favoritos, e eu disse que eram os Commodores por causa da canção “Nightshift”, que basicamente é uma elegia. Ele amava Bruce Springsteen, mas “Nightshift” também era uma de suas músicas preferidas. Cantamos juntos: *“I still can hear him say/ ‘Aw, talk to me so you can see/ What’s going on”*.* Quando ele me perguntou se conhecia uma certa canção de Springsteen, admiti que não. Só consegui pensar em “American skin (41 shots)”: *“No secret my friend/ You can get killed just for living in your American skin”*.* Eu conhecia essa letra, mas não comecei a cantá-la. Fiz uma nota mental de pesquisar a canção de Springsteen que ele amava.

Por fim, ele comentou comigo que estava trabalhando com diversidade dentro da sua empresa. “Nós ainda temos muito o que melhorar”, ele disse. Então se repetiu — “Nós ainda temos muito que melhorar” —, acrescentando: “Não vejo cor”. Essa é a afirmação usada por pessoas brancas bem-intencionadas com privilégios e um desejo cego de se catapultarem para um tempo

em que as criancinhas negras serão julgadas “não pela cor de suas peles, mas por seu caráter”.^[9] A expressão “não vejo cor” puxou um freio de emergência no meu cérebro. Como você estimularia a diversidade se não vê cor? Eu me perguntei. Você contará para a sua esposa que teve uma boa conversa com uma mulher ou com uma mulher negra? Socorro.

Tudo o que pude pensar foi: “E eu num sou uma mulher preta?”. Fiz a pergunta lentamente, como se estivesse testando a qualidade do ar. Ele pegou a referência a Sojourner Truth? Ou achou que a construção agramatical era um sinal de negritude? Ou pensou que eu estava debochando do entendimento que as pessoas brancas têm da inteligência negra? “Você não é um homem branco?”, perguntei então. “Você não consegue ver isso? Porque se você não é capaz de ver diferenças raciais, não consegue ver o racismo.” Repeti essa frase que li pouco tempo antes em *Não basta não ser racista*, de Robin DiAngelo.^[10]

“Entendo”, ele disse. Seu tom era solene. “Que outras idiotices eu disse?”

“Só essa”, respondi.

Eu me recusei a deixar que a realidade em que ele insistia estar fosse a minha realidade. E estava satisfeita por não ter lubrificado o momento, satisfeita por poder dizer não aos mecanismos silenciadores dos bons modos, satisfeita por ele não precisar abrir um veio de reclamações. Eu estava satisfeita por ele não fazer bullying passivo. Estava satisfeita que ele pudesse suportar a perturbação da minha realidade. E foi bem assim que nós começamos a nossa conversa — aleatória, comum, exaustiva e cheia de um desejo compartilhado de habitar espaços menos segregados.

Pouco tempo depois dessa conversa, o homem do voo entrou em contato comigo. Ele e a esposa tinham lido um dos meus livros e planejamos nos encontrar. Entretanto, nossas agendas nunca se conciliavam e o tempo passou. Então escrevi o ensaio sobre falar com homens brancos a respeito de seus privilégios e enviei para ele. Eu não queria publicá-lo sem que ele soubesse que eu tinha relatado a nossa conversa. Então perguntei se ele responderia ao que eu tinha escrito. Ele escreveu:

Quando você me desafiou em meu comentário “Eu não vejo cor”, eu entendi seu ponto, apreciei sua franqueza, pensei a respeito, e percebi que você estava certa. Vi sua resposta como um ato de coragem e generosidade.

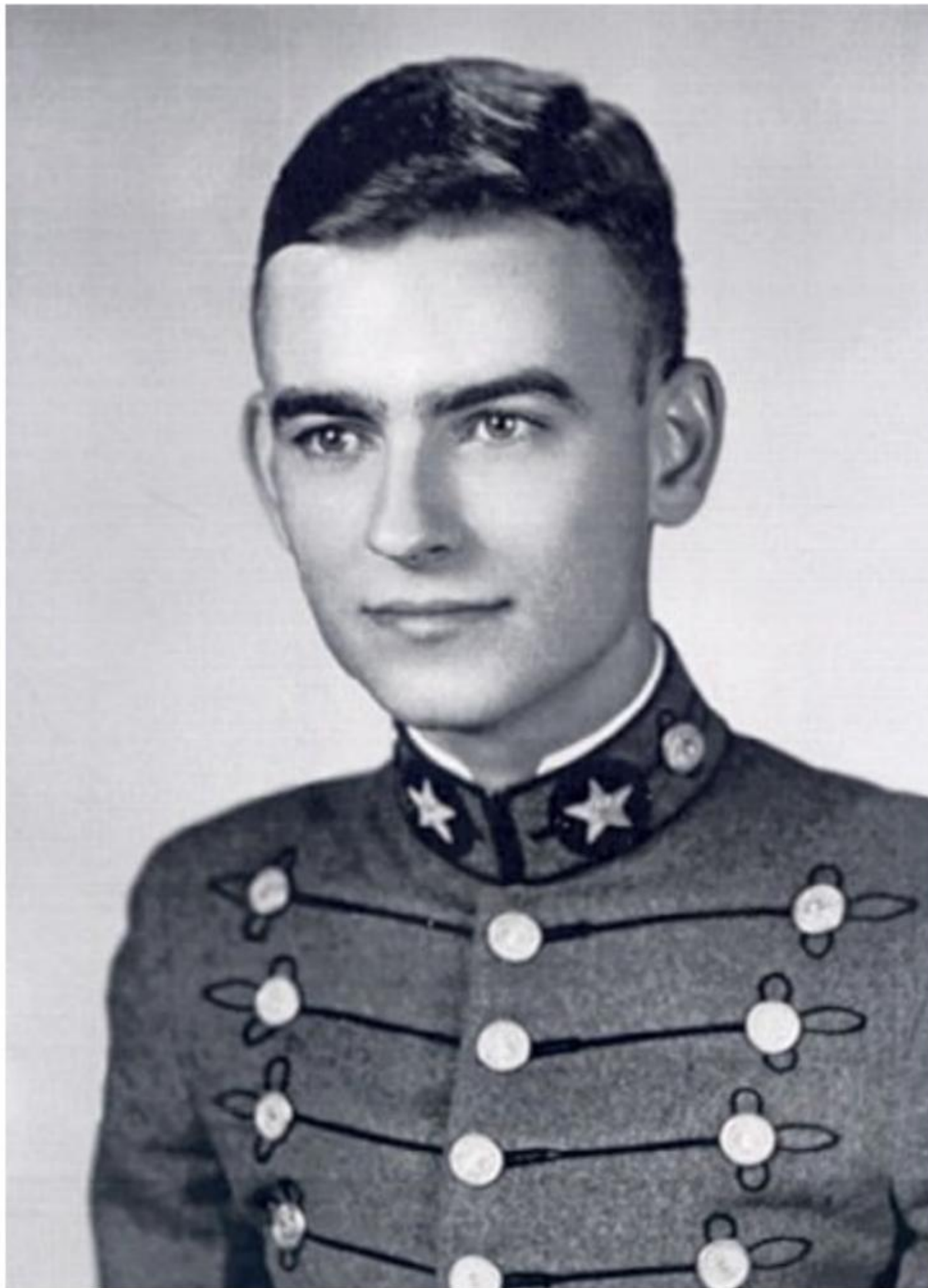
Tenho pensado muito sobre a nossa conversa desde aquele voo. Na verdade, pouco tempo depois, percebi que eu tinha deturpado algo que disse para você sobre a minha cidade natal. Não sei por quê. Com certeza não fiz isso intencionalmente, e eu acreditava que estava sendo honesto no momento. Mas depois da nossa conversa, ficou evidente. Eu disse a você que não percebia muita tensão entre crianças negras e crianças brancas na nossa cidade (cresci e passei pelo sistema de escolas públicas de um subúrbio de classe média no nordeste nos anos 1980 e início dos 1990). Imagino que não percebi tanto porque queria esquecer, porque, pensando em retrospecto, a tensão estava em todo lugar. Eu me formei no ensino médio há mais de 25 anos, e exceto nas férias de verão da faculdade e uns poucos meses depois da formatura, não morei mais lá. Talvez ela fosse tão constante em nossas vidas que eu não queria pensar nisso — a não ser por incidentes claramente feios, como a vez que um garoto branco se sentou na minha frente na aula de álgebra para calouros, virou-se e me perguntou se eu planejava assistir ao jogo de basquete universitário para ver “os [injúria racial] jogarem”. Eu só me lembro de umas poucas brigas entre as crianças negras e as crianças brancas, mas a crueldade, da maioria dos brancos, direcionada aos negros

estava sempre a um comentário de distância. Minha casa e minha família (até minha família estendida, que eram a primeira e a segunda geração vindas do Mediterrâneo e do Leste Europeu) eram a antítese desse tipo de comportamento. Mas olhando para trás, estava sempre à nossa volta. É interessante que algo na nossa conversa me fez perceber isso.



Ruby Sales.

Cortesia de Ruby Sales



Jonathan Daniels.

Cortesia do Instituto de Arquivos Militares da Virgínia

Conforme eu li e reli essa resposta, percebi que tinha aceitado o que ele disse de sua infância e de sua cidade natal não como algo que era a verdade, mas como a verdade sobre a branquitude dele. Eu tinha aceitado isso como a verdade, como diria a ativista de justiça social Ruby Sales, sobre a “cultura da branquitude”. A falta de uma vida integrada fez com que nenhuma parte de sua vida reconhecesse o tratamento dado a pessoas negras como uma perturbação importante. Não se lembrar talvez seja não se sentir tocado pelos acontecimentos que não interferem na forma

como ele vive. Esta é a realidade que define o privilégio branco, não importa quanto dinheiro se tenha ou não. De Appalachia à Quinta Avenida, minha precariedade não é uma realidade compartilhada. Embora tenha deturpado o fato sobre o qual falamos, ele não falseou o papel que esses fatos desempenharam na sua vida. Não duvido de que ele acreditasse no que me disse naquele momento. E nos dias seguintes à nossa conversa, não duvido que a realidade reprimida tenha começado a pressionar a ficção dos fatos, o que também é uma forma de verdade. Ele me dar abertura era dar abertura ao incômodo de relações raciais numa vida de branquitude segregada. Se pessoas brancas vivem esquecendo de se lembrar que vidas negras importam, como elas claramente podem fazer, considerando a sua aceitação de tudo, de comentários racistas de seus amigos até a falta de condenação da maioria de agentes policiais que mataram negros desarmados, então elas sempre se surpreenderão quando aquelas memórias vierem à tona.

evolução

Um amigo negro diz que pessoas brancas estão assumindo o trabalho antirracista. Ele está falando sério? Ele não se refere a isso apenas economicamente. Não é convidado para oferecer workshops de diversidade quando espaços brancos conseguem mulheres brancas para fazer isso. Eu pergunto com humor, não era isso que pessoas negras e mestiças vinham pedindo? “Não é meu trabalho educar gente branca” — não é aquela frase que ouvi tantas vezes? Mas tal qual meu amigo, sinto que relações raciais e diferenças são mais complicadas do que simplesmente uma dinâmica que me ressinto de fazer parte. Nós todos sentimos que sabemos qual o problema, mas podemos, em meio aos nossos enredamentos, saber verdadeiramente o que motiva o outro? Eu sei que a minha vida, meu sustento e possibilidades de vida dependem de saber mais sobre determinadas coisas que as pessoas brancas ignoram deliberadamente. Quem representará essa realidade se uma pessoa negra não estiver na sala? Entendo o ponto do meu amigo.

Mais tarde naquele dia, perguntei a uma amiga branca se pessoas brancas conversam sobre seu racismo entre elas. Isso não acontece, ela me disse. No entanto, ela acredita, é assim que os brancos aprenderiam a se fortalecer em relação à sua convivência com o racismo estrutural. O menos importante são as infrações diárias que os brancos cometem dizendo e fazendo coisas lamentáveis, dada a socialização deles numa cultura que é elaborada para mantê-los ignorantes das violências cometidas contra pessoas de cor, seja pela polícia, pela exclusão, pela vigilância ou negligência. A socialização deles afeta fundamentalmente as pessoas de cor, tanto faz se indivíduos brancos estão presentes na institucionalização de decisões racistas e omissões.

Já que as decisões tomadas reinstauram as hierarquias brancas

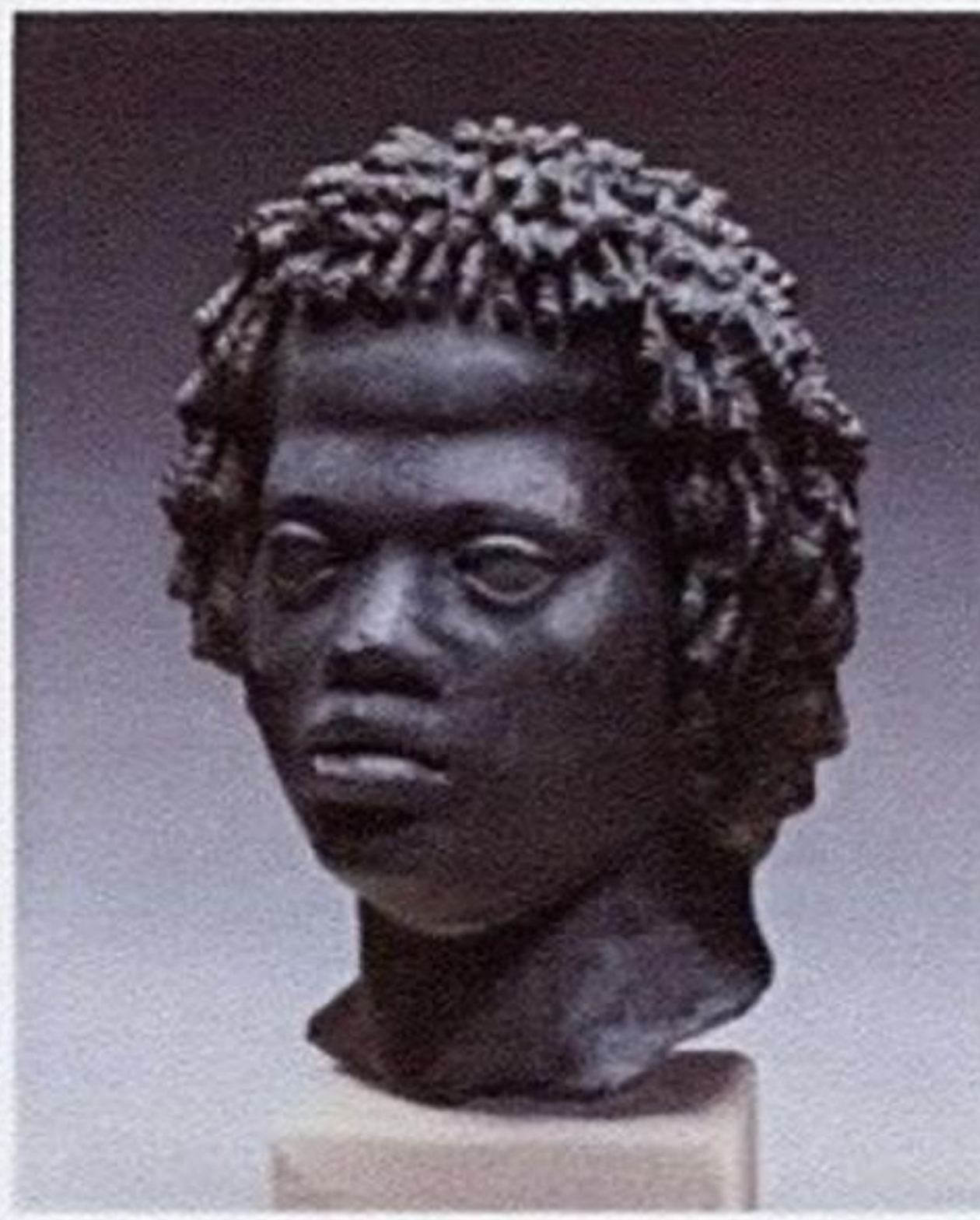
todos os dias, seria bom se a branquitude fosse destacada e se tornasse visível para aqueles que não conseguem vê-la e por aqueles não comprometidos em mantê-la dominante. A consciência tem que acontecer em salas onde todo mundo é branco, uma vez que essas salas já estão por aí.^[11]

Mas, eu digo ao meu amigo, acho irônico que essas conversas que permitem aos brancos falar abertamente sobre branquitude devam começar em espaços segregados. Não estariam essas conversas, que são tentativas ostensivas de trabalhar a branquitude sem restabelecer o pensamento hierárquico branco, escolhendo a comodidade branca em vez do desconforto branco e a integração? Isso é um problema?^[12] Parte da formação cognitiva é influenciada pelo ambiente.

Meu amigo diz que esse é um jeito “duro” de ver a questão. Mas se você é branco e recebe mensagens do seu entorno que reafirmam a ideia de que a solidariedade branca é o jeito de organizar o seu mundo, até ao se fazer o trabalho antirracista, então como você não vai acreditar que um mundo todo construído pelos brancos não é você em seu melhor desempenho? Como isso não vai lhe parecer natural e certo? Duro, sim. Irônico, sim.

Cenário:

- Enquanto dá aula sobre um período da arte africana, você exibe a seguinte imagem e pergunta aos alunos o que eles acham. Um estudante afirma que a obra “parece uma macaca”. Alguns alunos da turma reagem rindo e alguns alunos negros parecem chateados.
- O que você pensa sobre esse comentário?
- Como poderia responder a essa situação?



Pouco tempo depois dessa conversa, um amigo branco participou de um workshop de diversidade. Ele me manda emojis com caras malucas durante o evento para professores e funcionários do departamento. Eu ligo assim que ele indica que o workshop acabou. A sessão foi conduzida por duas mulheres brancas. Apenas um integrante negro do departamento estava no grupo. Todos os participantes foram apresentados a exemplos de situações na sala de aula que pareciam claramente envolver racismo.

O cenário: “Enquanto dá aula sobre um período da arte africana, você exibe a seguinte imagem e pergunta aos alunos o que eles acham. Um estudante afirma que a obra ‘parece uma macaca’. Alguns alunos da turma reagem rindo e alguns alunos negros parecem chateados”.

As pessoas no workshop dizem que a comparação entre uma pessoa negra e um macaco é uma piada. Piadas podem ser usadas para chamar a atenção ou dispersá-la, expressar um sentimento, ou um sentimento racista. Estou brincando. Pega leve. Piadas permitem que alguém tenha algo e fuja disso simultaneamente.

Ninguém menciona Pamela Ramsey Taylor, que comentou no Facebook que “será um alívio tão grande ter uma primeira-dama bonita, elegante e digna outra vez na Casa Branca. Estou cansada de ver uma macaca [sic] de salto alto”.



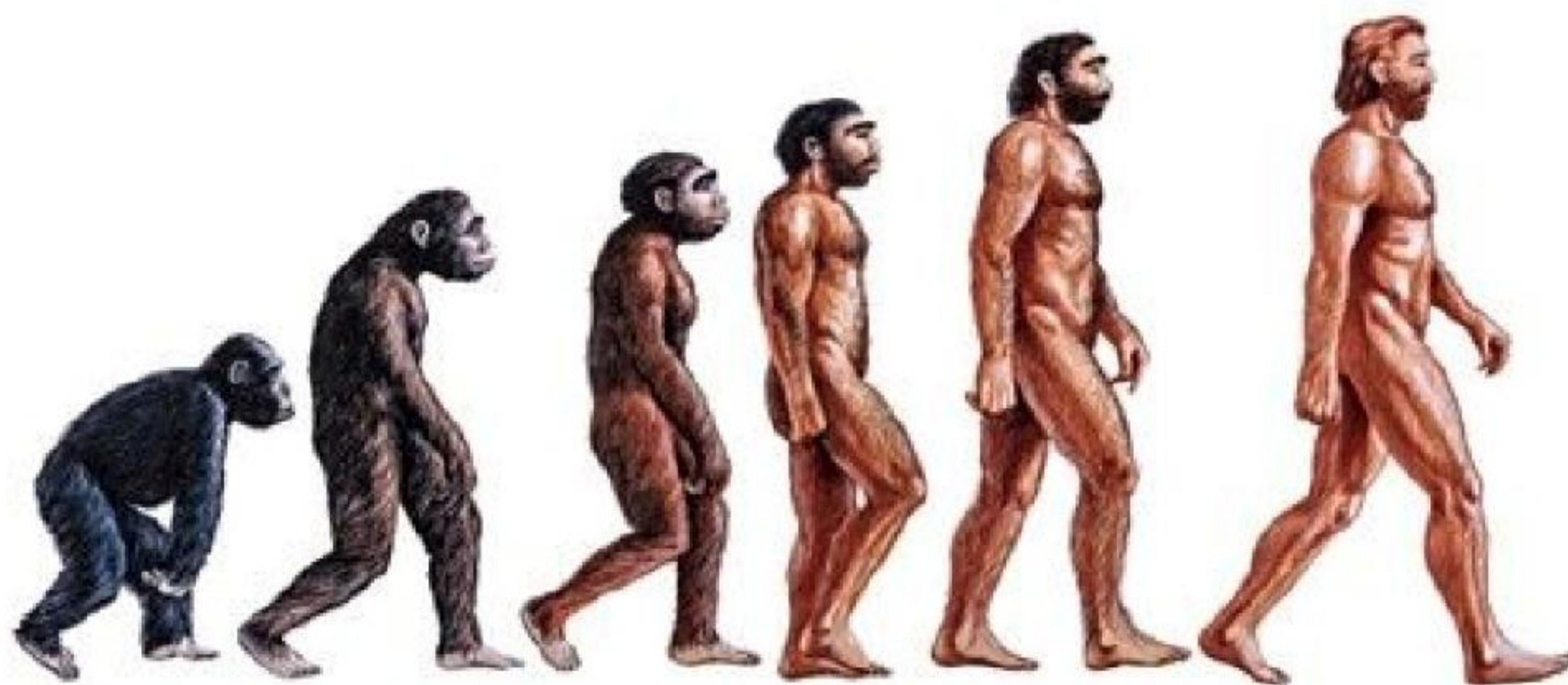
Comparar uma pessoa negra com um macaco é uma das formas mais velhas e eficientes de racismo no manual não escrito da supremacia branca.^[13] Leslie Jones, integrante do elenco do *Saturday Night Live* se sentiu compelida a tuitar: “O.k., eu tenho sido chamada de macaca, recebido fotos das bundas deles, recebi até uma foto com sêmen no meu rosto. Estou tentando entender o que os humanos querem dizer. Para mim, chega”.



No cenário, era uma pessoa branca que fazia essa comparação? Minha ênfase é em “branca” e não em “pessoa”. O indivíduo mencionado é menos importante do que o uso da palavra “macaca”, que tenta apagar a personalidade de quem é associada a ela. Sem “macaquice”, disse o governador da Flórida Ron DeSantis durante sua campanha eleitoral de 2018, e nós todos entendemos que a declaração significava, historicamente, não vote em candidatos negros, ainda que DeSantis negasse.

O teórico Benjamin Eleanor Adam observa que pesquisas no

Google pelo termo “evolução” tendem a retratar o ponto alto da evolução como o corpo do homem branco,^[14] portanto “relacionando a brancura e a humanidade, uma associação que tem suas raízes nas justificativas científicas e éticas do colonialismo, da escravidão e do genocídio... Ao apresentar os brancos como os humanos fundamentais que possuem os corpos e os comportamentos considerados os traços humanos profundamente significativos, os brancos justificaram, e continuam a justificar, a supremacia branca”. Assim, o uso da palavra “macaco” em relação a pessoas negras coloca os homens brancos na posição mais importante da linha evolutiva, uma estupidez observada por James Baldwin numa entrevista intitulada “James Baldwin Discusses the Problem of Being White in America” [James Baldwin discute o problema de ser branco nos Estados Unidos]: “Brancos buscaram civilizar as pessoas negras antes de civilizarem a si mesmos”.



© David Gifford/ Science Photo Library

Se a estrutura que sustenta o cenário em si é racista, as perguntas são perguntas capciosas?

No workshop de diversidade ninguém perguntou por que o

cenário deixa de fora a raça do estudante que afirma que a imagem de uma figura negra “parece uma macaca”. Isso teria sido útil. Branco? Asiático? Latinx? Eu extrapolo que quem fez a afirmação não era negro, uma vez que estudantes negros são marcados pela sua raça. “Alguns alunos negros parecem chateados.” Está além do imaginável que alunos brancos também pudessem ficar chateados com isso, ou alunos asiáticos ou alunos latinx ou alunos asiáticos negros ou latinx negros ou indígenas ou...? Uma vez que não há cenário em que estudantes brancos estão chateados com a afirmação, podemos entender qualquer inquietação que eles sentissem como sendo insincera, fingida e não acionável juridicamente?

De acordo com o relato do meu amigo, um integrante branco do departamento na sala insistiu em dar ao “estudante brincalhão” (ele/ela/ile é branco?) o benefício da dúvida. O único integrante negro do departamento na sala ofereceu a ideia de que o estudante não quis dizer nada com isso. Ele também está disposto a dar ao estudante (ele/ela/ile é branco?) o benefício da dúvida.

Meu amigo branco esperou para ver o que as mulheres brancas que conduziam o workshop diriam. Elas não falaram nada. As facilitadoras seguiram adiante depois que todos que desejavam responder o fizeram, apesar do fato de que as mulheres brancas na administração são geralmente as que pedem por treinamentos de diversidade. Só então meu amigo interrompeu para apontar que, embora pudesse ser uma piada, ainda assim era uma piada racista. Se todos vocês estão ouvindo isso como um comentário inocente, o que há de inocente nele?, ele questionou. O integrante negro do departamento mudou suas alianças para apoiar meu amigo branco. Sim, ele está certo, acrescentou. Só então os outros sugeriram que o estudante (ele/ela/ile é branco?) seria chamado depois para uma conversa. Eu fiquei me

perguntando sobre a expressão “chamado depois”.

O chamar depois dá privacidade ao ato, colocando a afirmação do estudante fora de uma sala, e falha em abordar com responsabilidade o incômodo público que o estudante (ele/ela/ile é branco?) causou.

Na periferia das descrições que meu amigo fez da sessão de treinamento de diversidade naquela tarde ainda restavam perguntas: Se pessoas brancas não veem sua branquitude, como elas podem falar dela? O estudante era branco? Quem escreveu o cenário? A diversidade não inclui qualquer treinamento para nos vermos ou ela simplesmente tem a ver com lidar com o descontentamento negro?[15]

Depois de desligar o telefone, caminhei até a porta da frente e a abri. O gramado estava coberto de folhas caídas. Apesar de sua beleza aparente, as folhas mortas estavam apodrecendo. Olhando as folhas, me lembrei de que semanas atrás uma mulher branca me disse: “Eu participo da luta antirracista desde os anos 1980. Estou aqui para te dizer que não faz diferença”. Na hora eu ri com meu rosto inteiro. Minha risada tomou meu corpo de tal forma que ela também começou a rir. Do que estávamos rindo? O ar estava fresco. Fechei a porta e voltei para minha mesa, onde me demorei destacando uma declaração de uma entrevista de Baldwin.[16]

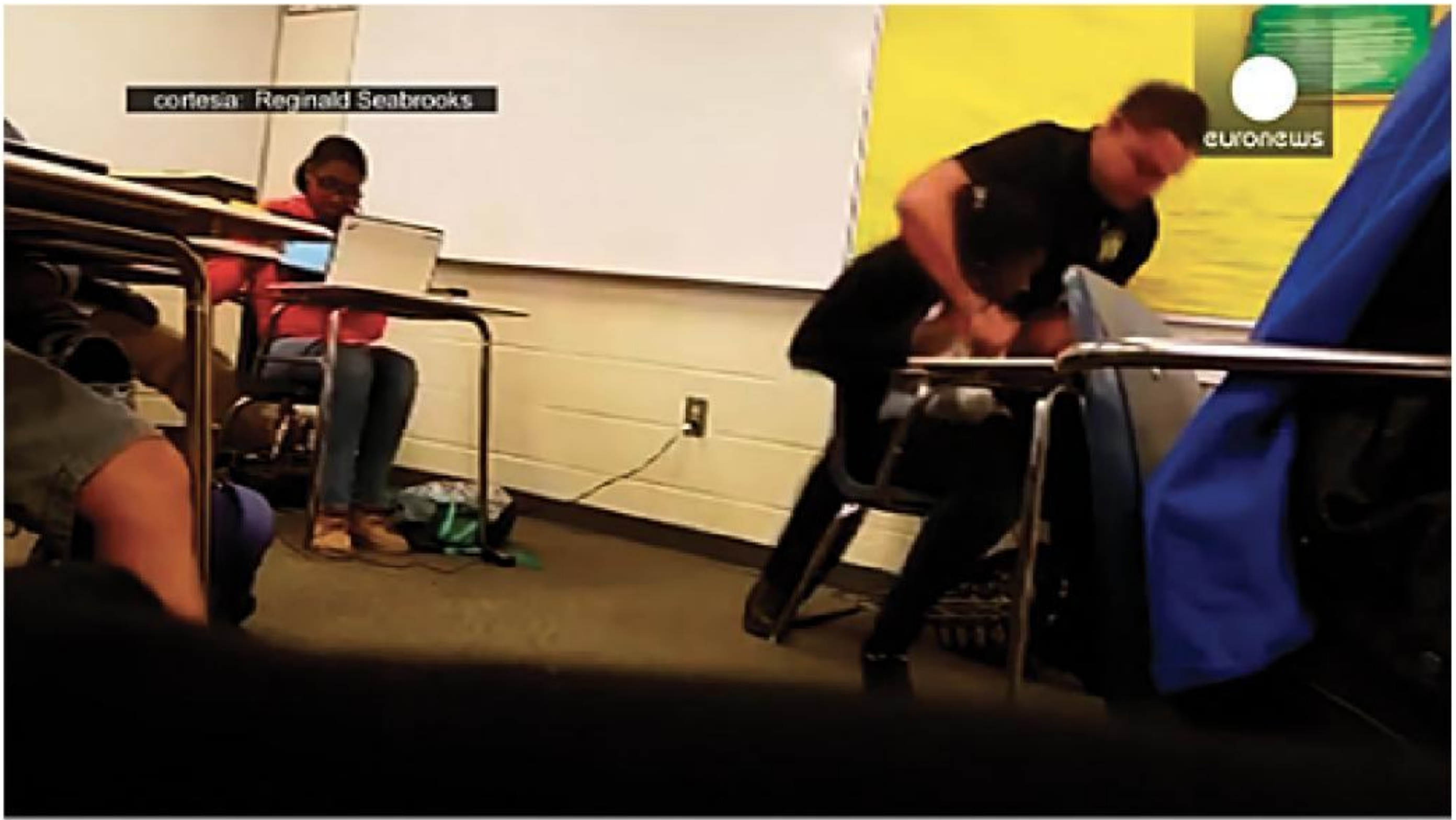
lemonade

A terapeuta conjugal loira claramente tem o cabelo escuro. Eu me pergunto se o amarelado do seu cabelo é intencional para mantê-la um passo mais perto do desejável fora do consultório ou mais cordial dentro dele? Não compartilho nenhum desses pensamentos enquanto eu e meu marido nos sentamos diante dela no consultório; em vez disso, conto a ela dramaticamente que as estatísticas sobre saúde na internet afirmam que eu deveria estar morta, mas é o século XXI, e depois de um ano ficando enjoada por causa da medicação tóxica da quimioterapia e da radioterapia, agora me sinto melhor.^[17]

A ameaça da morte iminente tinha construído uma mansão na minha mente onde antes existia um hotel de beira de estrada para medos passageiros. Obediente à minha nova realidade, eu vivia em intervalos de três meses entre os exames de sangue. Haveria níveis elevados de proteínas nas minhas células indicando que meu câncer voltou? As células ficaram quietas, e então, um dia, enquanto íamos para o hospital, como se eu fosse o personagem de Denzel Washington no filme *Um limite entre nós*, adaptação da peça *Fences* de August Wilson, eu estava sentada em um carro em alta velocidade, e porque as metáforas também podem ser realidades, em alta velocidade informei ao meu marido que, no tempo que me resta, embora o tempo que resta seja sempre desconhecido, eu precisava encontrar um companheiro que me fizesse rir. Foi um momento sem a menor graça, então meu ponto ficou claro. Foi assim que viemos parar nessa terapeuta de casais depois de vinte anos de um casamento bem-sucedido cheio de colaborações e filmes e criação de filhos e caminhadas com o cachorro e leituras compartilhadas e oferecimento de jantares.

Meu marido e eu passamos grande parte das nossas décadas juntos criando arte que abordasse o tratamento racista que os

brancos infligem aos negros. Nós pesquisamos e registramos casos em que policiais atiraram em pessoas negras desarmadas; rastreamos legisladores e juízes comprometidos com o encarceramento em massa; compartilhamos artigos sobre crianças negras tratadas pior do que animais pelos agentes da lei; nós dois choramos desavergonhadamente quando uma menina negra foi arrastada pela sala de aula por um guarda escolar e quando uma menina negra foi jogada no chão por um policial branco numa festa à beira da piscina em McKinney, Texas. Um ano sim, outro também, ouvíamos e trocávamos olhares enquanto pessoas brancas diziam coisas escandalosamente racistas na nossa presença. Nós tentávamos dar sentido a isso em imagens e narrativas coerentes. Nós brigamos por causa de assuntos misteriosos, como pontos de vista, e mundanos, como dinheiro. Ao longo dos anos, caminhamos quilômetros dentro de museus e passamos horas sentados dentro de cinemas pensando como fazer o que fazíamos de melhor. Nós ajudamos um ao outro em nossos esforços e ficamos felizes pelas realizações de cada um. Meu marido me acalmava quando eu me confrontava com o racismo, e eu o acalmava quando ele se confrontava com a burocracia. Assim os anos passaram.





© Reginald Seabrooks

Embora nós não fôssemos parar, dessa vez sugeri que redirecionássemos o fluxo que era a nossa vida. Meu marido contou à terapeuta que eu tinha comunicado coisas profundamente dolorosas nos últimos meses, a pior delas, quando eu lhe disse que poderia seguir em frente confiante rumo à liberdade do divórcio porque como um homem branco de meia-idade alto, de olhos azuis, razoavelmente em boa forma, na América, ele não teria problemas em me substituir, uma mulher negra.

Isso foi uma coisa cruel de ser dita, foi o que pareceu à terapeuta, não por ser uma inverdade, mas porque meu marido se sentiu magoado com isso. Essa capacidade de separar fato de afeto é o que se aprende na terapia.

Quando conheci meu marido aos trinta anos, ele era sério e totalmente consciente do que o racismo tornou possível. Eu vim a conhecê-lo primeiro por causa de seu trabalho: imagens de crianças afro-americanas cujas circunstâncias de vida ninguém